

SÍLVIA MARTINELLI RAMOS

**O Cotidiano de uma Sala de Alfabetização de Jovens e Adultos do
Município de Campinas:
Olhares de uma Professora
Eu-Outro, Eterna Síntese do Novo**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
2001**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

SILVIA MARTINELLI RAMOS

**O COTIDIANO DE UMA SALA DE ALFABETIZAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS:
OLHARES DE UMA PROFESSORA
EU-OUTRO, ETERNA SÍNTESE DO NOVO**

Trabalho de Conclusão de Curso
da Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Curso de Pedagogia
sob orientação da Profª. Drª. Ana Lúcia Guedes Pinto

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
2001**

SÍLVIA MARTINELLI RAMOS

RA 840997

**O Cotidiano de uma Sala de Alfabetização de Jovens e Adultos do
Município de Campinas:**

Olhares de uma Professora - Eu-Outro, Eterna Síntese do Novo

Orientadora:

Ana Lúcia Guedes Pinto

Segunda Leitora:

Roseli Aparecida Cação Fontana

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

R147c Ramos, Silvia Martinelli.
O cotidiano de uma sala de alfabetização de jovens e adultos do município de Campinas : olhares de uma professora eu-outro, eterna síntese do novo / Silvia Martinelli Ramos. -- Campinas, SP: [s.n.], 2001.

Orientador : Ana Lúcia Guedes-Pinto.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Alfabetização de adultos. 2. Alteridade. 3. Formação de conceitos. 4. Escolarização. 5. Cultura. I. Guedes-Pinto, Ana Lúcia. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

01-0210-8FE

Agradecimentos

À Deus, pela oportunidade de crescer como pessoa, de sair um pouco mais da minha indiferença moral.

À Santo Antônio de Pádua, pela força e perseverança com que me apoiou.

À Emmanuel, pela inspiração.

Ao Irmão, pelas palavras amigas, pelos ensinamentos, pelo exemplo.

À Ana Lúcia, por acreditar em mim, pela amizade e orientação.

À meus pais por terem me dado a "lousa", alimentando e respeitando o meu sonho de ser professora.

Aos meus filhos, Caio, Francisco e Tatiana pelo carinho e paciência nas horas difíceis, quando tantas vezes, não pude lhes dar atenção.

Ao meu irmão Tavico, por todas às vezes em que solicitamente me socorreu, nos momentos em que quase desisti.

À Mirian, irmã, amiga e cunhada, que sempre me empurrou adiante.

Aos irmãos Luiz Henrique, Flávia, Fátima e Zé Roberto pelas palavras de incentivo.

Aos professores e professoras que tive ao longo de toda a vida, que imprimiram em minha alma a beleza do ato de ensinar.

Aos autores e autoras que iluminaram este trabalho.

Ao Marco Antônio, pelo diálogo intenso que travou comigo durante a elaboração deste trabalho, sempre respeitando meus pontos de vista.

À todos os amigos e amigas, que de algum modo, compartilharam minhas alegrias e angústias nestes anos.

Finalmente aos alunos, pelo que me ensinaram e me transformaram, enfim, por me terem feito ver que, apesar de tudo, viver é sempre bom.

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus queridos alunos,
que muito me acrescentaram,
com quem eu tanto aprendi,
mostrando-me outro mundo,
fazendo-me crer, cada vez mais,
que somos um vir-a-ser,
que nada é tão previsível,
que sempre existe uma saída,
um lugar ao sol, e que realmente
"tudo vale a pena quando a alma não é pequena"
(Fernando Pessoa)

Sumário

<u>Resumo</u>	7
<u>I – Introdução: Memórias de Luz...Um pouco da minha história</u>	8
<u>II – O confronto com o diferente</u>	12
<u>III – É sempre bom duvidar do que nos parece óbvio</u>	15
<u>IV – Acender a Candeia sobre o alqueire</u>	26
<u>V – Quem não tem cão, caça com gato, mas caça!</u>	40
<u>VI - Ter olhos de ver</u>	45
<u>VII – A noite da Alma – A casa escura</u>	49
<u>VII – Considerações Finais</u>	53
<u>Referências Bibliográficas</u>	58

Resumo

Este trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre o cotidiano de uma sala de alfabetização de adultos, através de vozes científicas, espirituais, culturais, econômicas, artísticas, sentimentais, que falam à consciência de uma professora comum e alunos comuns, que no entanto, são únicos. Busco vidas em segredo, tendo o outro como peça fundamental para o desenvolvimento de uma prática educativa. Os pressupostos teóricos que iluminarão este trabalho repousam nas teorias de Michel de Certeau e L.S.Vygotsky. Procuro não perder de vista o fato que ninguém vai à escola para continuar como que era antes. O aluno sempre busca algo através do professor.

Palavras-Chaves: *alfabetização de adultos; formação de conceitos; papel da escolarização-mediação; relação de alteridade; reapropriação cultural; táticas.*

I

INTRODUÇÃO

Memórias de Luz... Um pouco da minha história...

*"...o velho baú das nossas almas,
Baú em que guardamos as vestimentas mais caras,
pois que ninguém guarda em uma mala coisas que não ama,
valores que não lhe são especiais."
Eliana Santos, Boa Nova 215, 8*

Quando eu era pequena, mais ou menos entre 7 e 10 anos, minhas brincadeiras favoritas eram os jogos simbólicos: "Brincar de Casinha" e "Brincar de Escolinha".

Neste período, pedi de presente de aniversário para meu pai uma lousa bem grande. Lembro-me, custou 5 cruzeiros. Feita sob encomenda, era bem grande como de uma escola de verdade. Ficava na varanda de minha casa, e ali eu passava as tardes, com o "ar", meus alunos imaginários, com nomes, certidão de nascimento, boletins e tudo a que tinham direito, brincando de ensinar. Lá, tudo acontecia: respondia a todas as perguntas dos alunos imaginários e, o melhor, a parte mais gostosa, que era passar "sermões", daqueles de professora mesmo. Era tão bom...Foi de repente, de um dia para outro que acordei diferente e o jogo não funcionou mais: aconteceu o inevitável, ou seja, eu havia crescido! Em vão tentei, mais tarde, recuperar este sentimento de faz de conta. Por mais força que fizesse, nunca mais experimentei aquela sensação tão inteira e plena de viver uma fantasia.

Aos dez anos, morava e trabalhava conosco uma moça chamada Santa. Naquele tempo, anos 70, auge da ditadura militar, milagre econômico, tempos do "Eu te amo meu Brasil", "Esse é um país que vai prá frente", "Brasil, Ame-o ou Deixe-o", Santa freqüentava o MOBREAL, Movimento Brasileiro de Alfabetização. Nós, os "iluminados", os privilegiados de classe média que não haviam sido privados do ler e escrever, havíamos assumido a missão, num esforço conjunto Estado e Sociedade, de levar as luzes à grande massa de excluídos, os *Jecas Tatus* desse imenso Brasil, e desta forma fazer o país progredir. Pelo

menos, era essa a ideologia que eu captava, eram esses os óculos com os quais fui habituada a ver o mundo. De família cristã, aprendi que devemos amar uns aos outros e fazer sempre o bem. Tarefa difícilíssima, que me causou muitos conflitos com Deus, mas que acabou deixando uma marca muito forte em minha alma. Mas, enfim, voltando ao caso, nas férias, quando ficávamos no sítio, minha mãe me deu a tarefa de ministrar aulas para Santa, já que ela não poderia ir à escola neste período. Como eu gostava de ficar ensinando naquele escritório de meu pai, que parecia uma casinha de bonecas... Isto acontecia à noite, depois do banho, já de pijama de bolinha e flanela. Devo dizer que durante o dia, no meu eterno jogo imaginário, eu era a *"ajudadora"* do prefeito de uma cidade imaginária, lá no sítio. Uma cidade planejada onde todos trabalhavam, estudavam e eram felizes. Eu ia e voltava com minha bicicleta, resolvia problemas aqui, outros lá, despachava, trocava idéias com o prefeito. Sozinha, ninguém sabia deste sonho, era solitário mesmo. Quanto à minha aluna, às vezes me pergunto o que ela achava das aulas. Eu era tão metida a saber tudo... Quantas vezes, na minha inocente prepotência devo tê-la humilhado? Eu, dona do saber, filha do doutor, muito mais nova que ela, ensinando. Penso que deve ter sido assim, pois não lembro de mim muito boazinha nem doce, apesar de dentro de mim, bem lá no fundo, pressentir que ela era o outro que eu não podia entender, que fugia à lógica do lugar onde eu estava e que em muitos aspectos eu a invejava, suspeitava que a felicidade não era privilégio do meu lugar, como o era o ler e escrever.

As contradições da lógica do meu lugar, onde todos eram filhos de Deus, portanto irmãos em Deus, igualmente amados e a minha condição sócio-econômica e cultural de classe dominante que não me tornava igual a todos, pululavam em minha mente. As partes não combinavam: havia tanta coisa errada...Porque eu tinha tanto e ela nada? Porque os pedreiros eram pobres se construíam casas, algo que eu considerava muito difícil (ainda considero) ? Se Jesus disse que para entrarmos no Reino dos Céus era preciso se desfazer de tudo e segui-lo, porque não fazíamos isso? Um lado meu sofria com isso, fazendo-me sentir vergonha de ter o que tinha.

Certa vez, a Santa foi em excursão até Aparecida do Norte e de lá trouxe um pequeno talismã abençoado, com uma pequena imagem de Nossa Senhora da Aparecida, um objeto carregado de poderes, caro deste ponto de vista. Meu pai o quebrou, obviamente sem querer, não dando a menor importância, na sua prepotência de patrão

esclarecido. Lembro-me de minha mãe dizendo à ele da importância de resgatar à Santa o talismã, pois para ela aquilo era muito importante. Não sei onde acabou o caso. O que importa é o confronto de valores que ali ocorreu: um e o outro de um, um se sobrepondo ao outro, como a voz da verdade esclarecida sobre a voz da ignorância.

Depois a Santa foi embora. Naquele tempo, nossa cidade acabava de inaugurar o ônibus circular, que ganhou o apelido de “cata-coiô”, pois se transformou na maior atração da cidade. E a Santa passeou um dia inteiro de Cata-Coiô e se apaixonou, indo até “as vias de fato” com o motorista do ônibus. E passava o dia, com aquele olhar perdido, longe, olhar no infinito, escutando aquela música do Roberto “Tudo vai mudar no dia que eu partir”. Um dia ela partiu com ele. Eu gostava dela. E eu ficava pensando em sua vida, em toda a sua história, seus sonhos e o que teria feito com aquele motorista, como tinha sido. Ela vivia noutro mundo, um mundo que me ensinaram que era menor que o meu. Mas mesmo assim, eu invejava, queria entrar naquele universo, buscar seu sentido e sua alegria que eu suspeitava.

Assim também muitas outras pessoas deste universo outro passaram por mim, ou eu por elas. Outros, diferentes, que tinham algo que eu não encontrava em meu mundo, não sei precisar o quê, talvez algo mais verdadeiro, ou então, de outra forma, vidas menos mediadas, mais diretas, ou então, vidas com a ferida mais aberta, nas quais poucas saídas eram oferecidas e não há como deixar de ver e sentir a dor. Menos conhecimento e mais sabedoria, seria isso?

O tempo passou, a mágica foi embora, e eu também. Do lugar onde estava, tive que me decidir sobre o que ia estudar. Chegou tão de repente o dia da escolha... Fui para o centro do saber científico: a universidade. Depois de muito perambular por este paraíso esclarecido das ciências e das luzes, tendo que enterrar toda minha inocência e os meus sonhos cristãos, um dia eu cansei. Num ímpeto, coloquei minhas roupas na sacola, peguei um ônibus e cheguei à casa de meus pais. Voltei. Em busca do tempo perdido, dos sonhos enterrados, daquele tempo em que tudo era bom, de quando eu acreditava na bondade do mundo. E neste lugar eu redescobri a criança que brincava de escolinha, que construía em seu imaginário um mundo melhor, a despeito de todas as adversidades. Voltei à antiga escola e fui fazer Magistério. Lembro-me da sensação deliciosa de sentir o cheiro da minha escola, as mesmas inspetoras de alunos, cabelos mais brancos, a poeira

do chão, as carteiras quebradas. Lugar perdido e reencontrado. Eis aí o único curso que, até hoje, consegui concluir: o Magistério de segundo grau.

Tornei-me legalmente uma professora da rede pública. Comecei o curso de Pedagogia, casei, abandonei o curso e a escola, tive muitos filhos, voltei à Pedagogia e à escola. E assim é que me encontro. Acabando um curso, escrevendo uma monografia que quer sair das minhas entranhas, que precisa ser coerente comigo, e não algo apartado, distante de todo o meu ser. Sou professora de “Santas” e seus filhos, vivendo o confronto com o outro, com outra ou outras lógicas, visões de mundo, lugares no mundo. Lugar de conflito e aprendizado, eterna busca de encontros... onde não sei se ensino ou se aprendo. Caixa de surpresas, emocionante, angustiante, fracassos e vitórias, mas onde é impossível se entediar. Vozes de todos os lados me acodem: a ciência, a arte, a intuição, a religião, a prática. É em meio a esta imensa rede sem começo e sem fim, sem hierarquias, vamos tecendo a nossa vida, inusitada, inesperada, mas verdadeira.

O que pretendo, então, neste trabalho, é relatar episódios deste encontro com o diferente de mim, buscando mostrar, como afirma Michel de Certeau, “que é sempre bom recordar que não se deve tomar os outros por idiotas”¹.

¹ Michel de Certeau. *A invenção do Cotidiano*, pp.19

II

O CONFRONTO COM O DIFERENTE

*“Chamei de mal gosto o que vi,
de mau gosto, mau gosto.
Porque Narciso acha feio o que não é espelho...”
Caetano Veloso, Sampa*

1-O local de trabalho:

Há um ano venho trabalhando como professora da rede pública municipal de Educação Infantil e Educação de Jovens e Adultos , na FUMEC (Fundação Municipal de Educação Comunitária) no Jardim Santa Mônica, na cidade de Campinas. O bairro localiza-se à margem de uma rodovia de grande movimento, próximo ao CEASA, em frente ao Jardim São Marcos. Espaço marcado pela violência, tráfico de drogas, helicópteros da polícia dando rasantes nos quintais das casas, morte, tiros, marginalidade, roubo.

Muitas fábricas ali se encontram, muitas igrejas também: são as melhores construções que ocupam a avenida principal, grande, larga, bem pavimentada. Um cemitério, um aeroporto, uma escola técnica de ensino médio, pública, pouco aberta à população local.

Poucas flores, poucas árvores, uma única praça com um campinho de futebol para se brincar, quase abandonada, fechada. O encanto (que sempre existe) está oculto aos meus olhos .

Para o povo, um posto de saúde, uma escola de ensino Fundamental e Médio, cercada por grandes portões eletrônicos (a única modernidade da construção), fazendo crer a quem olha que é mais presídio do que escola. Não sei se a função da grade é não deixar sair ou não deixar entrar. Além disso, duas creches, uma vinculada a uma igreja, outra à rede municipal (onde sou professora).

2- Os alunos - Meus outros

A população local se divide em classe média baixa e baixa. Esta última mora nas "casinhas", como eles chamam as casas da favela que circundam o bairro e a rodovia. São estes, em sua maioria, os alunos das creches e da FUMEC. Muitos vêm do Jardim São Marcos, tendo que todo dia atravessar pela passarela. São, em sua maioria, migrantes de áreas rurais de outros estados, que vieram em busca de trabalho. Como disse um aluno: "Se tem patrão, tem dinheiro. A gente tem que correr atrás dele." Aqui tem patrão, aqui tem dinheiro, tem comida, tem casa, tem água, tem luz, tem escola. A faixa etária dos alunos é variada, indo dos 18 até 60 anos. As histórias (pelo menos as que eu pude conhecer em parte) são sempre marcadas pela miséria, separações, abandonos, pelo inesperado. Oportunidades não criadas, mas percebidas e aproveitadas no momento mesmo em que acontecem. O hoje é melhor do que o ontem.

3- Quem ensina? Quem aprende? - Objetivos

Este trabalho busca focalizar as relações entre estes dois mundos: o científico e o cotidiano, o "esclarecido" e o privado deste esclarecimento. Considerando que este cotidiano não é algo irracional e sem lógica, mas que, ao contrário, é carregado de sentido de sobrevivência e resistência a uma lógica que quer dominar e impor valores, conceitos e modos de vida. Assim, através das relações que tenho vivenciado com meus alunos, das experiências que com eles tenho compartilhado, pretendo compreender um pouco mais como eles apreendem o mundo em que vivem. Como eles elaboram o projeto de escola (que reflete a cultura dominante) em sua própria lógica de compreensão de seu mundo. O que eles esperam do curso? A isto procurarei responder.

O objetivo deste trabalho não é pretensioso. Trata-se de uma reflexão sentida, por meio da qual diversas vozes (científicas, religiosas, culturais, econômicas, artísticas, sentimentais, e tudo que nos compõe) falarão à minha consciência (uma professora comum) e alunos comuns (o que não nos retira a nossa singularidade).

4- Meus interlocutores teóricos

Alguns dos princípios teóricos nos quais procurei me basear estão na obra de Certeau . Busco vidas em segredo, que apesar de tudo, da nossa cegueira, insistem em continuar criando. Dialoguei também com Vygotsky, cuja visão da mente como algo flexível e plástico, que se faz na mediação com a cultura através de alguém(s), e que portanto, coloca o outro como peça chave do desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Ou seja , ninguém se torna humano sozinho.

Como disse uma professora de primeira série, respondendo à pergunta dos pais com relação aos textos de seus filhos: “Mas eles fizeram isso sozinhos?”, ao que ela responde: “Claro que não. Há muito que acredito na capacidade que toda criança adquire para fazer sozinha aquilo que, um dia, ela fez com a ajuda de outro” ² (Lopes,2000).

O que não se pode perder de vista é que ninguém vai à escola para continuar na mesma situação. O aluno busca algo através do professor. É bom também não esquecer disso.

² Ana Cláudia F. Lopes. *Nossas Mágicas Memórias*. pp 4

III

É SEMPRE BOM DUVIDAR DO QUE NOS PARECE ÓBVIO

*“O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás.
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...”*
Fernando Pessoa, *O eu profundo e os outros eus*, 137

Desde agosto de 2000 venho trabalhando com jovens e adultos em processo de alfabetização, em um bairro de classe baixa, marcado pela violência. Os alunos são migrantes de diversos estados, havendo um predomínio da região nordeste (Bahia, Ceará, Pernambuco). Pelo fato de precisarem trabalhar quando ainda eram crianças, alguns tiveram uma breve passagem pela escola, da qual foram excluídos, outros nem passaram por ela,

“ Quando eu era pequena, meu verso era a roça”, diz MA.^{*}, criada no sertão pernambucano, quando lhe peço para que se lembre de algum verso, cantiga ou brincadeira de sua infância (conceito, aliás, não reconhecido). (Diário de campo, fevereiro de 2001).

^{*} Todos os nomes dos alunos serão apresentados com as duas primeiras letras.

Aos poucos fui percebendo e tomando consciência da distância que nos separava. Falávamos cada um uma língua e sentia-me como alguém que de repente se encontrasse em outro país, com uma cultura e valores diversos. Não entendia o que eles falavam, e para não ficar perguntando, fingia que entendia.

Certo dia, ocorreu-me que o mesmo devia acontecer com eles. Havia pontos de intercessão, que a cada dia que passava, via que eram raros. Éramos um, o outro do um.

Assim como o vento frio bate no rosto e machuca, mesmo sendo apenas um vento, assim eu era e sou ainda para eles, às vezes eles para mim. Nos machucamos sem querer. Digo às vezes porque ainda tenho a pretensão de achar que nesta nossa relação, estou em uma situação de vantagem, apesar de ser minoria. Nesta relação de poder, sou eu a professora, a que detém o saber escolar que eles não têm e vai lhes transmitir. Variações nos sentidos das palavras, nos conceitos revelavam visões diferentes e talvez até opostas de mundo. Lugares outros. Isso me remete a Bakhtin :

“Todo signo é ideológico: a ideologia é um reflexo das estruturas sociais: assim toda modificação da ideologia encadeia uma modificação na língua”.

“O signo e a situação social estão indissoluvelmente ligados”³.

Para este teórico a língua é determinada pela ideologia, sendo a palavra o signo ideológico por excelência, registrando as mínimas variações das relações sociais. Assim, a atividade mental que é condicionada pela linguagem, é também modelada pela ideologia.

“O signo ideológico vive graças à sua realização no psiquismo e, reciprocamente, a realização psíquica vive do suporte ideológico”⁴

Por exemplo, o conceito de *professora* que tantas vezes julgamos e avaliamos como pejorativo, desvalorizado, mas que no contexto da sala de aula em que trabalho

³ Mikhail Bakhtin. *Marxismo e filosofia da linguagem*, pp. 15-16

⁴ Idem, *ibidem*. pp. 16

ganha outra dimensão, sendo extremamente valorizado, pois as pessoas que lá estão me têm como referência de saber.

Sacristán lembra que hoje a educação escolar obrigatória é algo que faz parte de nossas vidas de uma forma quase que natural, óbvia, que até nos esquecemos que ela é uma construção histórica, relativamente atual, e que muitos de nós nem toma consciência da razão de sua existência:

“Só aqueles que não dispõem dessa experiência, geralmente, é que apreciam com mais vivacidade o valor de sua ausência. É como o ar, de cuja importância e presença só nos damos conta quando ele nos falta para respirar.”⁵

A universalização da escolarização nas diferentes culturas e sociedades ultrapassa a realidade prática, visto que é uma dessas *representações coletivas* (Durkheim) que agem implícita e explicitamente nas nossas aspirações no que diz respeito a nos tornarmos diferentes. A educação fundamenta e mantém a idéia de progresso, ajudando a sustentar a esperança dos indivíduos de uma sociedade em um porvir melhor.

*“Essa ligação entre a educação e o progresso humano, tal como vem sendo entendida pela cultura ocidental, é concretizada nas representações sociais sobre o valor que a escolarização universal tem, e pode ser apreciada em muitas manifestações: alguns querem educar seus filhos e a eles mesmos para melhorar suas condições materiais de vida: outros consideram a educação como valor para uma vida mais digna: **outros, como meio para evitar a humilhação por eles sofrida pelo fato de serem analfabetos e manipuláveis:...**”⁶*

⁵ J.Gimeno Sacristán. *A educação obrigatória: seu sentido educativo e social*. pp. 11

⁶ Idem, ibidem. pp. 22. (grifos meus)

Paradoxalmente digo que são essas as grandes gratificações desta nossa profissão: são os que foram privados e excluídos da escola (muitas vezes por nossa responsabilidade) os mesmos que nos elevam e nos respeitam. É o caso que experencio com esta turma de alunos. Por que esperam um milagre. Como se estar fisicamente presente na sala de aula bastasse, numa atitude psicológica supostamente passiva. Isto é facilmente observado, como no caso de alguns alunos que, enquanto não chego junto para fazer com eles o que é pedido, esperam passivamente, de braços cruzados. E quando falo que é para ir tentando fazer (ler, escrever, etc), dizem simplesmente que não sabem.

Sim, foi esta a sensação que tive, ainda tenho: aprender a ler cabe tão somente a um milagre, uma magia que a professora, com seus poderes, vai realizar, inesperadamente. Assim como eu pensava quando era criança que quando eu “*virasse*” adulta eu faria tudo certo: comeria direito à mesa, não desobedeceria, saberia tudo. E a palavra *virasse* tinha um sentido ao pé da letra, e então para virar avó, eu virava cambalhota esperando a magia de, no final, ter me transformado.

Pode ser que eu esteja enganada, mas é isso o que capto, não de todos, mas de grande parte, principalmente dos mais velhos, talvez porque o sonho da escola esteja mais longe, num tempo perdido das memórias mais antigas. E quanto mais me aproximo deles, mais vejo suas feridas, a dor de não fazer parte, de depender sempre do outro, de estar sujeito e não poder ser sujeito, de nunca ter razão, de se sentir “burro”. Isto pode facilmente ser observado em seus textos, quando pedi que relatassem as dificuldades porque passaram pelo fato de não saberem ler e escrever.

Lemos o texto “Roberto sem Carlos”, do material didático oferecido via Internet pela Ação Educativa, no qual um rapaz de nome Roberto conta como aprendeu a escrever seu nome: quando empregado em uma oficina, o chefe diz-lhe que é preciso assinar todos os dias o livro ponto. Temendo dizer que não sabia ler e escrever, Roberto copia a assinatura de *Roberto Carlos* (o cantor e compositor) de um disco. Conhecia a letra R, o que tornou possível identificar aonde estava escrito o nome. Não sabia porém aonde acabava seu nome. Assim, acabou decorando *Roberto Carlos*. Termina o texto dizendo que mudou o nome, mas resolveu seu problema.

Depois de muito comentarmos o texto, pedi que cada um lembrasse e contasse oralmente episódios parecidos, situações que viveram onde o fato de não saber e escrever tivesse provocado a busca de saídas "táticas", sentimentos de humilhação. Em seguida, solicitei a todos que escrevessem essa experiência.

Abaixo, alguns textos produzidos:

"Há dois anos atrás, veja o que me aconteceu: eram duas horas da manhã, eu fiquei um tempão olhando para o catálogo para caçar o número do ônibus. Ai eu fui perguntar para o guarda, que me falou:

- Você já não leu?

Eu respondi:

- Se eu soubesse ler eu não "tava" te perguntando.

Saí de perto e então escutei um falando pro outro:

- Filha da Puta, ficou olhando duas horas no catálogo e ainda vem me perguntar?"

MI/09/01

Os dois anos atrás
Veja o que me aconteceu
Era duas hora da manhã eu
Fiquei um tempão olhando para
O catálogo para caçar o número
do ônibus ai eu fui perguntar para
O guarda ai ele me falou Você já
não leu ai eu respondi Se eu sou
Berto le eu não estava te perguntando
Ai eu sai de perto ai eu escutei
Um falando para o outro e ainda
falou filha da puta ficou mas
de duas hora olhando no
catálogo e ainda vem me perguntar

Mostrarei alguns textos nas versões originais e transcritas, dada a qualidade duvidosa da xerocópia.

"Quando eu era empregada passava muito apuro para atender telefone e anotar recado. Não sabia escrever e tinha vergonha e medo de falar, então ficava repetindo o recado um monte de vezes para não esquecer."

EL/9/01

Quando eu era empregada
o passava muito a perna

para a tendo telefoni

quando a patroa chegou

parado o recado

Texto incompleto.

"Há dois anos atrás veja o sufoco que eu passava para fazer as entregas. Ficava apavorado, sem saber o que fazia. Na hora que o patrão desconfiou, já veio me perguntando: - O que estava acontecendo? Eu respondi:- Nada! Ele me respondeu: - Como nada? Não sei na hora o que falei, só sei que ele me chamou de burro. Aí eu disse: Burro se a sua mãe fosse a minha. Então ele me perguntou: - O que foi que você disse? Eu disse: - Foi o que você ouviu!. Aí ele me mandou ir para o escritório que eu estava demitido. Naquela hora eu pensei: - Ai meu Deus, me ajuda pelo menos a ler! A partir deste dia eu vou estudar para não passar mais vergonha nem ficar apavorado."

MI/09/01

Os dois onô zarras. Vêja o rufogo que
Eu passava na ora que era para fazer
Os rritega ficava o palcorando
Sem saber o que fazia na ora que o
Pato desceio ele falei? andado promeu?
lado ja mipeguntado? o que estava
Alontesendo eu respo di nada ele me respo
Deu como nada eu não sei naora que
Eu falei não sei ele dis como Você é
Burro naora que ele michomou de
Burro eu dis Burro ci a sua mãe fosse
Ominha ai ele mipeguntou o
que Você falou? eu dis foi o que
Você Obij?
Ai ele medis Vai? e la no escritor
Que esto tradimilido naora que ele
Falou aida mendeus majuda pelo o
meno o le.

A partida deste dia eu Vou
miestudar proqui o não Vou mais
passar Vergonha. incapalorado.

"Quando eu trabalhava no Batajão como faxineiro, as mulheres
"boas de bolso" me perguntavam porque era que eu não arrumava
um serviço melhor, e eu dizia que era porque eu não tinha leitura.
Chegava a suar a camisa de vergonha."

MU/10/01

É duro não saber ler porque eu ia na cidade pagar as contas e não sabia o nome das lojas.

É duro não saber ler porque quando eu ia sair alguém me colocava dentro do ônibus mas para eu voltar seria muito difícil pois não sabia ler e já teria esquecido o nome do ônibus que eu viajei.

"É duro não saber ler porque eu ia na cidade pagar as contas e não sabia o nome das lojas.

É duro não saber ler porque quando eu ia sair alguém me colocava dentro do ônibus, mas para eu voltar seria muito difícil, pois não sabia ler e já teria esquecido o nome do ônibus que eu viajei.

É duro não saber ler, porque eu ia perder muito emprego, pois meu patrão iria me perguntar: "Você sabe assinar alguns papéis?" "Não, eu não sei assinar o meu nome, como é que vou assinar alguns papéis?"

Quando eu morava numa fazenda, eu trabalhava na roça. Eu plantava: milho, feijão, mandioca, abóbora e fumo. À tarde, quando eu chegava em casa, ia pegar o caderno pra rabiscar, porque eu não sabia ler nem escrever e não tinha ninguém para me ensinar, porque meu pai e minha mãe também não sabiam ler e escrever. Os meus pais nunca tiveram chance de estudar. E eles falavam: "Nós nunca tivemos a oportunidade de estudar, mas vocês tem. Então vão à luta, meus queridos filhos, que, então vocês serão muito felizes. Então eu fiquei pensando no que eles disseram e o que eu ia fazer. Aí tive uma idéia, que foi esta: eu vou escrever esses nomes mais de dez mil vezes se for necessário. Para ver se eu aprendo de uma vez só. E aí eu já vou a escola sabendo algumas coisas.

LU/09/01

Esta é a vida de quem não sabe ler e escrever: adivinhar, intuir, ter que acreditar não pela via lógico-racional, mas por outro sentido, outros sinais, nem sei quais. Assim, vou descobrindo que tenho que redobrar os cuidados, não esquecendo que a linguagem é de natureza social, que não existe fora de um contexto e que cada interlocutor tem um horizonte social. A comunicação verbal implica conflitos de classes, relações de dominação e de resistência. É preciso muita sensibilidade e cautela para não afastar, assustar, machucar, excluir. Porque isso já aconteceu: tenho sido, muitas vezes só por ser o que sou, vestir como me visto, falar como falo, sentar como sento, o vento frio...

E como não percebi isso antes? Lembranças me vêm à mente: ao fazer as contas para acertar o pagamento com a empregada, sem nunca perceber que ela não estava acompanhando meu raciocínio, pois não sabia somar, subtrair, multiplicar e dividir como eu sabia, e por isso, julgava tão óbvio; dando lições de como viver melhor, como lidar com o marido que bebe, que bate; em quem votar, pois "está na cara que tal fulano não presta!" Tanta pretensão... Sim, pretensão. Porque somos filhos da ciência positiva, donos da verdade, tomamos um lugar o qual acreditamos ser iluminado. Nem queremos ser assim e até pensamos que respeitamos aqueles que designamos nossos discípulos. Enganamo-nos. Esquecemos que somos atores em um palco de luta, que nossa visão é determinada pelo nosso lugar social. Mas o fato é que respeitar o outro é muito difícil. Ver o outro, deixar-se ver no outro não é algo tão simples assim. Olhamos com nossos olhos que de tão imersos em nossas certezas não se percebem imersos. Certeau explicita esse jogo:

"Não podendo ater-se ao que sabe, o perito se pronuncia em nome do lugar que sua especialidade lhe valeu.(...) Mas quando ele continua crendo ou dando a crer que age como cientista, confunde o lugar social e o discurso técnico. Toma um pelo outro: ocorre um quiprocó. Desconhece a ordem que representa. Não sabe mais o que diz. Alguns somente depois de terem por muito tempo acreditado falarem como peritos uma linguagem científica, acordam do seu sono e se dão conta, de repente, que a certa altura, como o

gato Félix num filme antigo, estão andando em pleno ar, longe do terreno científico. Reconhecido como científico, seu discurso não passava da linguagem ordinária dos jogos táticos entre poderes econômicos e autoridades simbólicas.”⁷

Partindo destas reflexões, desejo e espero que os leve a ler e escrever, e principalmente a serem pessoas mais felizes e plenas, pois ampliar horizontes, mesmo que doa, sempre é bom. A dor faz parte da vida. Nascer dói. Não é assim que as classes privilegiadas educam seus filhos? Segundo Eliana Santos:

“Partejar o novo homem, partejar o novo tempo, é a mesma coisa: dói, mas é uma dor tomada de alegria”.⁸

A assimilação do aprendizado é sentida pela maioria dos meus alunos como dor, um sentimento de impotência face às dificuldades de aprender. É um reencontro com uma dor antiga, a dor da exclusão presente em seus relatos de vida. Ml., um dos alunos, espontaneamente escreveu:

*“Quando eu era moleque,
Meu pai me ensinou tudo que há de bom,
Mas o que eu mais queria era o estudo,
Prá que nesta idade
Eu não tivesse que quebrar a cabeça”
Junho/2001*

Trata-se de dotar esses adultos de instrumentos com os quais possam travar um diálogo entre suas vozes interiores e as vozes da realidade prática, através do qual desenvolvam e criem novas formas de agir no mundo, resgatando sua dignidade. Em suma, transformando-se e transformando a realidade concreta em que vivem,

⁷ Michel de Certeau. *A invenção do Cotidiano*. Pp. 67

pressupondo que, nesse processo de transformação está implícita a apreensão do discurso do outro, sua visão de mundo, ou nas palavras de Bakhtin, citado por Roseli Fontana:

“aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental (...) é mediatizada para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. A palavra vai à palavra”⁹

O objetivo a que me proponho está ligado à idéia de que através de conteúdos científicos, artísticos, técnicos, ou seja, conteúdos outros, eu possa fazer com que meus alunos relativizem, reformulem sua visão de mundo, suas certezas, seus medos, enfim, que saiam da escola acrescentados, sensibilizados para novas coisas, com novos horizontes de possibilidades.

⁸ Eliana Santos. *Boa Nova n° 121*. pp. 33

⁹ Roseli A Cação Fontana. *Mediação Pedagógica na sala de aula*. pp. 27

IV

“ACENDER A CANDEIA SOBRE O ALQUEIRE”

*“Ninguém, depois de acender uma candeia,
a cobre com um vaso ou a põe debaixo de uma cama;
pelo contrário, coloca-a sobre um velador,
a fim de que os que entram vejam a luz.”
Evangelho segundo Lucas, 8:16*

Ler é diferente de escrever. Aprender a ler é mais fácil. Escrever é devolver. Inclui mastigar, digerir, transformar, Interpretar. Explicitar o próprio pensamento. É um trabalho que implica outro trabalho mental. Porque existe a preocupação com o outro, que vai ler. Saber para si é bem mais fácil. Difícil é “acender a candeia sobre o alqueire”¹⁰, iluminar para outros a sua experiência, sua visão de mundo. É organizar uma linha de pensamento, mostrar a casa arrumada para o mundo, ou parte dele, enfim, compartilhar, comunicar. É diferente da fala interior, compacta:

“(...) uma fala condensada, abreviada. A escrita é desenvolvida em toda a sua plenitude, é mais completa do que a fala oral. A fala interior é quase que inteiramente predicativa, porque a situação, o objeto do pensamento, é sempre conhecido por aquele que pensa. A escrita, ao contrário, tem que explicar plenamente a situação para que se torne inteligível.”¹¹

A tradução em palavras de tudo o que se percebe, que se infere, que se deduz, que se questiona de uma outra leitura é reflexão, pensar o próprio pensamento. Porque posso devolver o conteúdo aprendido em atos, mas isso é diferente que transformá-lo em palavras escritas. Segundo Magda Soares,

¹⁰ *Evangelho segundo Lucas. 8:16.*

¹¹ L.S.Vygotsky. *Pensamento e linguagem*. pp. 86.

“Ler é um processo de relacionamento entre símbolos escritos e unidades sonoras e é também um processo de construção e interpretação de símbolos escritos...escrever é um processo de relacionamento entre unidades sonoras e símbolos escritos e é também um processo de expressão de idéias e de organização do pensamento sob forma escrita”¹²

A escrita é representação de segunda ordem, traduz a fala que representa a realidade.

Em suas investigações, Vygotsky demonstrou que

“(...) o desenvolvimento da escrita não repete a história do desenvolvimento da fala. A escrita é uma função lingüística distinta, que difere da fala oral tanto na estrutura como no funcionamento. Até mesmo o seu mínimo desenvolvimento exige um alto nível de abstração. É a fala em pensamento e imagens apenas, carecendo das qualidades musicais, expressivas e de entonação da fala oral. Ao aprender a escrever, a criança precisa se desligar do aspecto sensorial da fala e substituir palavras por imagens de palavras. Uma fala apenas imaginada, que exige a simbolização de imagem sonora por meio de signos escritos (isto é, um segundo grau de representação simbólica), deve ser naturalmente muito mais difícil do que a aritmética. Nossos estudos mostram que o principal obstáculo é a qualidade abstrata da escrita, e não o subdesenvolvimento de pequenos músculos ou quaisquer outros obstáculos mecânicos.....Os motivos para escrever são mais abstratos, mais intelectualizados, mais distantes das necessidades imediatas. Na escrita, somos

¹² Magda Becker Soares, *Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas*. pp. 9

obrigados a criar a situação, ou representá-la para nós mesmos.”¹³

A experiência profissional com a alfabetização de adultos tem me mostrado que, a cada texto lido em sala de aula é necessário encontrar alguma vivência pessoal, falar, trocar idéias, experiências, informações e, finalmente, escrever sobre elas. Em outras palavras, traduzir para a realidade concreta vivida pelos alunos conceitos que se encontram no plano da abstração, pois *“o principal obstáculo é a qualidade abstrata da escrita”*. Em contrapartida, as interpretações que eles me fornecem acerca do texto me permitem traçar uma linha lógica dos seus raciocínios, delimitando assim a extensão dos seus conhecimentos e as relações causais que eles estabelecem.

O trabalho que desenvolvo em sala consta de leitura de textos jornalísticos, publicitários, em prosa, poesias, letras de músicas, piadas, textos dos alunos, provérbios populares, rimas folclóricas, textos bíblicos. Procuro fazer a leitura individual com cada um. Depois comentamos e discutimos o texto no grupo todo. Peço que expliquem com suas palavras o que o texto está dizendo, que encontrem palavras, frases, expressões, atentem à pontuação e por último, partimos para a escrita. Algumas vezes é pedido que transcrevam no caderno em letra cursiva. Analisarei a seguir cada uma destas fases que fazem parte do meu cotidiano com os alunos, buscando estabelecer relações com a teoria dos conceitos de Vygotsky.

- 1- Distribuição dos textos: peço que cada um vá tentando ler, marcando as palavras que não souber o significado. Digo que podem ler em dupla, pedir ajuda ao colega. Aqueles que ainda têm muita dificuldade, coloco junto com alguém que já está lendo.
- 2- Enquanto isso, vou lendo o texto com cada um dos alunos. A minha participação acaba desencadeando a leitura. Comigo eles conseguem o que não conseguem sozinhos. Mais uma vez é Vygotsky que me vem à mente:

“A discrepância entre a idade mental real de uma criança e o nível que ela atinge ao resolver problemas com o auxílio de outra

¹³ L.S.Vygotsky, op. cit, pp. 85

*pessoa indicam a **zona de desenvolvimento proximal**... Na aprendizagem da fala, assim como na aprendizagem das matérias escolares, a imitação é indispensável. O que a criança é capaz de fazer hoje em cooperação, será capaz de fazer sozinha amanhã. Portanto, o único tipo positivo de aprendizado é aquele que caminha à frente do desenvolvimento, servindo-lhe de guia: deve voltar-se não tanto para as funções já maduras, mas principalmente para as funções em amadurecimento.”¹⁴*

É a mediação do outro ensinando, tocando a *Zona de Desenvolvimento Proximal* e desencadeando o desenvolvimento de novas formas de pensar. É o papel do profissional da educação de fazer junto, segurar na mão, ler com ele, até que a aprendizagem seja internalizada, e essa mediação ocorra num processo interno, singular e próprio de cada um, mas sempre tendo em seu início uma interação social que a originou. Principalmente àqueles com mais dificuldade, ocorre mais ou menos isso: ao texto “devagar que eu tenho pressa”, espero que o aluno reconheça a letra inicial, mas se ele não o faz, vou dizendo “D com E, V com A” e assim sucessivamente. A cada frase lida, relemos juntos de tal forma que o sentido seja apreendido.

- 3- Após a leitura feita junto comigo, peço que tentem ler sozinhos novamente e repito o processo com outro aluno. É importante salientar que a busca de ajuda com os colegas é estimulada e até desejada, ainda em conformidade com Vygotsky, considerando o colega sempre um mediador que possibilita confrontos de pontos de vista e busca de respostas mais adequadas.
- 4- Enfim, juntos fazemos a leitura coletiva. Conforme a qualidade dos textos, como por exemplo “Asa Branca”, repetimos, cantamos, fazemos jogral e até representação. São situações muito gostosas, onde há descontração e alegria, o que fortalece o grupo e afrouxa as amarras da insegurança.
- 5- Comentamos o conteúdo do texto, seu sentido. Procuro fazer com que cada um exprima o que entendeu, confronto interpretações, peço que grifem toda palavra ou expressão que não entenderam, que nunca ouviram. Levanto com o grupo quais os

¹⁴ Idem, ibidem. pp. 89 (grifos meus)

possíveis significados que as palavras em questão podem ter naquele texto, digo aos que já sabem manipular o dicionário que o usem. De qualquer maneira, o mais importante é que o sentido seja assegurado, que percebam que um texto significa e comunica algo, traz uma idéia. Que não basta decifrar o código alfabético. Unir as palavras e buscar a mensagem é o fim de qualquer escrita, o código é apenas o meio. Desta forma, vão percebendo que o erro ortográfico não é tão importante assim.

- 6- Muitas vezes, eu também não sei o significado, o que, no início causava muita surpresa nos alunos, pois no seu imaginário o conhecimento da professora é completo, não o entendem como em permanente construção. É visto como algo absoluto e acabado. A noção de “saberes” parece não ser evidenciada. O saber escolar é considerado alguma coisa capaz de resolver todos os problemas. É a tal da mágica para eles. À medida que fui mostrando que o saber escolar é apenas uma outra forma de ver as coisas, um outro tipo de saber que pode sim nos ajudar a entender melhor as coisas que acontecem tanto na natureza como na nossa vida social e pessoal, mas não é o suficiente e não engloba tudo que existe, eles foram se sentindo mais seguros para mostrar o que pensam.

Tentei introduzir o conceito de ciência e sabedoria, diferenciando-os como saber escolar e saber viver, respectivamente. E que a sabedoria é algo que necessariamente não requer o saber escolar. Reforço e valorizo a experiência de cada um, que apesar de terem sido privados do conhecimento formal, justamente são suas vivências que os tornam vitoriosos, e que esta vitória está expressa no seu interesse em aprender, mudar, entender uma outra lógica diversa daquela que utilizam cotidianamente:

“O caminho técnico a percorrer consiste, em primeira aproximação, em reconduzir as práticas e as línguas científicas para seu país de origem, a “everyday life”, a vida cotidiana”.¹⁵

Devo dizer que um dos alunos, o mais velho, que nunca frequentou a escola e encontra-se numa fase silábica de alfabetização, possui uma grande criatividade, não demonstrando vergonha de dizer o que sabe e como sabe. Suas opiniões apontam

¹⁵ Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano*. pp. 64

para uma reflexão mais crítica da realidade, como se ele não estivesse contaminado pelos estigmas que a criança e/ou adulto com dificuldades de aprendizagem convive(m). Aparentemente, o seu livre pensar, sem muita censura interna, sem um “senhor interno” que o oprime e diz: “*Você é burro, você não sabe!*”, indica uma percepção direta e aguçada da realidade cotidiana. Numa situação em que foi pedido aos alunos que relembressem de algum provérbio ouvido em sua infância ou na vida adulta, sugeri como exemplo: “*devagar que eu tenho pressa*”. É interessante ressaltar que este mesmo aluno foi o único a se lembrar de outros provérbios análogos ao sugerido. Em contrapartida, a estigmatização está presente no raciocínio de MR, quando lhe digo que deve procurar um oftalmologista, pois sua dificuldade pode ser devida à sua deficiência visual e ele me responde que “não é isso não dona, é a cabeça que não ajuda”, e que, quando ele estiver lendo bem, aí ele vai colocar óculos. Digo-lhe que só aprenderá quando puder enxergar bem, mas não adianta. Ele é firme na sua crença, como se reservasse a si mesmo um prêmio para quando, de repente, estiver lendo bem. A recusa em usar óculos não se resumia à questão financeira, pois existia a possibilidade de ele obter os óculos gratuitamente. Isto revela que argumentos tidos por científicos têm pouca acolhida em suas decisões.

- 7- Agora vamos encontrar as expressões e palavras no texto. Assim cada um tem que, de alguma forma, novamente ler o texto, observar a grafia das palavras pedidas. Depois peço que tentem escrever a palavra, sem olhar, no caderno. Às vezes, que escrevam uma frase com aquela palavra ou palavras. É interessante notar que muitas vezes os alunos não relacionam outros dados que os poderia ajudar a encontrar o que foi pedido. Por exemplo : o texto tem o título “Saudosa Maloca”, já lemos e falamos , e quando peço para acharem a expressão “Saudosa Maloca” a maioria ainda se debate até achar. Não lhes ocorre que, por ser o título, só pode estar em cima. Quero dizer que não se lembram que o título foi a primeira coisa que leram. Ou então quando , após a leitura de um texto, dou a tarefa de colocar a palavra que falta nos espaços vagos do mesmo texto. Acontece que muitas vezes esta palavra se repete ao longo do texto. Assim , para saber como se escreve, o aluno pode recorrer à cópia desta mesma palavra em outro lugar que esteja escrita. Por exemplo:

Estrada da vida

Nesta longa _____.....

Tal fato ocorre muitas vezes, mesmo com aqueles que já lêem bem, e eu me pergunto o porquê de tal fenômeno. Mais uma vez recorro à Lúria e Vygotsky e o papel da linguagem e da escolarização como mediadora das funções mentais superiores, tais como a abstração e generalização, dedução lógica.

“Todas as funções psíquicas superiores são processos mediados, e os signos constituem o meio básico para dominá-las e dirigi-las. O signo mediador é incorporado à sua estrutura como uma parte indispensável, na verdade a parte central do processo como um todo. Na formação de conceitos, esse signo é a palavra, que em princípio tem o papel de meio na formação de um conceito e, posteriormente, torna-se seu símbolo.”¹⁶

Na tarefa proposta aos alunos, se eles tivessem usando o conceito de título, provavelmente teriam deduzido a palavra pedida. A atitude dos alunos acena para o uso da palavra não como um conceito, mas ainda como um código, usada naquele momento em uma tarefa escolar.

Para Vygotsky, a trajetória do desenvolvimento dos conceitos passa por três estágios. Inicialmente, a criança agrupa os objetos de uma maneira desorganizada e aleatória não levando em consideração as desigualdades apresentadas em seu conjunto. É o que o autor chama de sincretismo. No estágio seguinte o pensamento se organiza por complexos, ou seja, os objetos são agrupados de acordo com as suas características concretas, factuais e visíveis. Tal autor usa o exemplo dos nomes de família, originando tanto os agrupamentos quantos forem as relações possíveis entre os objetos, isto é, **como os agrupamentos carecem de uma unidade lógica os objetos podem ser de tipos muito diferentes**. Finalmente no estágio dos conceitos potenciais, os objetos são agrupados sob um único atributo como cor, forma. Na verdade, ainda não se pode falar em

¹⁶Idem, ibidem, pp. 48

conceitos propriamente ditos já que a palavra não atingiu a completa abstração, sendo muitas vezes utilizada em termos do seu significado funcional. Este processo não é característico apenas ao estágio de desenvolvimento infantil, pois

“A forma de pensamento transitória, por pseudoconceitos, não é exclusiva das crianças; nós também recorreremos freqüentemente a ela em nossa vida cotidiana”.¹⁷

Para formar um conceito é necessário

“(...) abstrair, isolar elementos, e examinar os elementos abstratos separadamente da totalidade da experiência concreta de que fazem parte”.¹⁸

A dificuldade de abstrair, sair de situações concretas em que vivem, enfim, de trabalhar com conceitos em uma classe de adultos não escolarizados, com histórias de vida marcadas pela “falta de” (digo: alimentação, moradia, saúde, educação, emprego etc.), e por isso excluídos da sociedade, pode ser ainda percebida em muitas outras situações de aprendizagem, como veremos a seguir.

Era Semana Santa e a Igreja do Evangelho Quadrangular exibiria o filme da Paixão de Cristo em um telão, numa das ruas do bairro. Sugeri aos alunos que fôssemos todos assistir, pois já havia notado que, apesar de muitos freqüentarem igrejas, demonstrando ter uma vida religiosa bem ativa, quase nada sabiam da vida de Jesus Cristo. “Mas, professora, queremos aula, queremos copiar coisa da lousa”, diziam. Insisti que ver filmes também era aula, apresentei motivos, e por fim, fomos. No dia seguinte, em sala, quando fomos resgatar o conteúdo do filme, um comentário chamou a atenção: em certo momento Jesus fala que se alguém lhe der um tapa na face, devíamos mostrar a outra face. Uma aluna comentou, com uma entonação que indicava que havia feito uma grande descoberta, dizendo que se o tapa for na perna, então pode rebater, mas se for na “cara” é que não.

¹⁷ Idem, ibidem, pp. 65

¹⁸ Idem, ibidem, pp. 66

Outro fato interessante ocorreu bem no início deste ano: dei um exercício no qual cada um deveria preencher uma ficha com seus dados pessoais, tais como nome, endereço, data de nascimento, filiação. Acrescentei alguns dados mais pessoais, com o objetivo de fazer com que cada um parasse para pensar em si mesmo como um sujeito que tem características especiais. Assim, deveriam dizer que cor gostam mais, qual o seu grande sonho, o que mais gostam de fazer, o que mais detestam, qual o prato preferido.

O que quero destacar é a grande dificuldade que todos tiveram para responder "qual a sua cor preferida". Não conseguiam abstrair o conceito cor de cor de algo. Por exemplo: "mas professora, o que você quer saber, como assim, cor de vestido, cor de sapato, o quê? O atributo cor não poderia existir apartado de seu objeto. Essa pergunta pode realmente não ser tão relevante, isto é, perguntar sobre que cor gostam mais pode ser pouco importante. Porém a questão que faço é: porque eles não conseguiram abstrair o significado de cor?

Em outro episódio, que envolvia imaginar situações que não aconteceram, fantasiar, o apego ao concreto demonstrou ser tão grande que para alguns era impossível trabalhar no hipotético. Exemplo: EL. tem uma banca de coco gelado. Ao trabalhar matemática, levei-os a imaginar uma situação em que EL. em um dia vendia x cocos, em outro y e assim sucessivamente. Estranhamente EL. reagiu, dizendo que aquilo não era possível, que num dia ela não vende aquilo tudo. E mesmo eu tentando explicar que era só uma brincadeira para que pudéssemos entender melhor, não adiantou. Alguns alunos, principalmente os mais velhos, tiveram grandes dificuldades em sair da situação concreta para solucionar algum problema. Se crio uma situação não familiar a eles, ou mesmo aquelas que fazem parte do seu dia-a-dia, que não parecem possíveis, os alunos se negam a tentar resolvê-la. Afinal o que eles querem compreender é a vida cotidiana. Ela é a base. A produtora de significados.

A escolarização é uma das mediadoras responsáveis pelo desenvolvimento das funções psicológicas superiores que envolvem a elaboração de conceitos generalizados em um nível formal. As situações apontadas exemplificam bem esta tese.

Trabalhando nesse sentido, ou seja, objetivando tirá-los um pouco da dura realidade em que vivem, enquanto ensinava adição e subtração, criei uma situação na qual cada um poderia comprar uma coisa que quisesse muito, não importando o preço. Além do

aprendizado das operações matemáticas, estaríamos brincando de faz-de-conta, o jogo simbólico, que pelo relato de suas trajetórias, lhes foi roubado. Em outras palavras, gostaria que pudessem vivenciar a possibilidade do que lhes parecesse impossível. A primeira pessoa a escolher, desejou algo bem simples, o segundo algo mais sofisticado e assim, saímos de um simples tapete para uma mansão. O que interessa analisar é a atitude de alguns alunos que não se conformavam quando um próximo escolhia algo mais valioso. J. dizia: “puxa vida, eu escolhi um monza, podia ter escolhido uma casa! Mas eu posso vender o monza comprar um terreno e construir.” E ficou fazendo contas e explicando para si mesmo que não tinha sido tão ruim assim a sua escolha. Percebi que a brincadeira ganhou um tom sério, e todos se esqueceram que era apenas uma fantasia. A possibilidade do brincar, que de início apresentou resistência, no fim se revelou como um brinquedo (no sentido vygotskyniano do termo: brinquedo como jogo simbólico). Um brinquedo ou um jogo que podem estar fornecendo, quem sabe, possibilidades futuras:

“os jogos formulam (e até formalizam) as regras organizadoras dos lances e constituem uma memória (armazenamento e classificação) de esquemas de ações articulando novos lances conforme as ocasiões”.¹⁹

Segundo Vygostiky, a história da escrita passa por uma pré-história, em que o gesto, o brinquedo e o desenho são mecanismos que a criança utiliza para internalizar a experiência e os saberes do seu meio social. Se a escrita é representação, é através do brincar que ela constrói essa representação.

8- Finalmente vamos tentar escrever. Este é o momento mais difícil, no qual há maior resistência por parte dos alunos. No início, muitos ficavam com uma atitude passiva esperando que eu dissesse o que eles iriam escrever. A idéia de escola está muito associada à cópia. Escrever se resume em copiar, em outras palavras, a escola institui a escrita em seus aspectos formal, ortográfico e na reprodução da interpretação de outrem, de uma visão única, portadora de uma verdade absoluta. Leitura e escrita não

¹⁹ Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano*. pp. 84

são sentidas como uma prática dialógica, entre as quais se trocam visões, interpretações, sentimentos, etc. Daí ser comum a fala “só no dia que a gente souber bem é que vai escrever”. Muita coisa pode acontecer neste momento: pode-se reduzir o texto porque não se consegue escrever tudo o que se pensa, limitando assim a possibilidade de comunicação. Também se pode nada escrever. Ou ainda, escrever tudo o que se quer, e se fazer entender. São possibilidades que variam de acordo com a história de cada um. Mas não se pode exigir que todos dominem esta arte . Há muitas formas de se expressar o saber, de compartilhá-lo. Para Denise K.P.Furgeri

“A escola padroniza a escrita como a atividade mais importante da aprendizagem. Vamos tentar romper com esta lógica? Vamos instituir a leitura como a grande responsável pela ampliação do conhecimento? Com um repertório ampliado temos sobre o que escrever”.²⁰

- 9- Por último, levo os textos para casa , digito e imprimo, fazendo como que um quadro de cada história, trazendo depois para a sala e expondo na parede para todos. Alguns textos são usados pelo grupo todo como texto de estudo, o que valoriza quem escreve, estimulando todos a escreverem.

Alguns textos que valem a pena:

Dia dos namorados

“Para Eliana,

Meu sonho eu realizei.

Era ter as pessoas que mais amava.

Na minha vida é minha esposa, ELIANA.

Já tive duas filhas com ela. É a maior felicidade da minha vida.

E meu coração sozinho não tem futuro,

é como uma parede desterrada: se ela fica descoberta, ela desmancha”.

MI/jun/01

²⁰ Denise K.P.Furgeri, *Do enorme ao pequeno, do dizer à escuta, do prescrever à leitura*. (Trabalho de qualificação da Dissertação de mestrado. Faculdade de educação – Unicamp, 2001).

*"Sebastião, Meu amor, eu te amo!
Quero viver com você até morrer.
Meu amor, você é um pão!
Eu te amo, te amo, te amo, te amo, amo!"*
BE./jun/01

"As histórias de Maria"

I

*"Era uma vez uma que se chamava Maria.
Maria era uma menina sonhadora.
Sonhava encontrar o grande amor da sua vida.
Um certo dia, Maria encontrou o grande amor de sua vida.*

II

*Um dia a minha mãe mandou eu ir para São Paulo, com dezesseis anos.
Aí tive muita dificuldade. Em São Paulo aconteceu muita coisa na minha
vida.
Aconteceu a minha primeira gravidez. Aí eu comecei a pensar na minha
responsabilidade.*

III

*Você é amigo. Se eu fico pensando , não sei o que você vai pensar desta
história, amigo.
Fico pensando em você.
À tarde e à noite todinha queria que você ficasse ao meu lado.
Gostei muito de você, amigo".*

MN/ 06/0

1

*"Pai,
apesar de minha mãe ter me abandonado,
obrigado por cuidar de mim."
LI/06/01*

Texto produzido por MI e usado em sala:

O caso da Abóbora

Meu compadre me convidou para almoçar na casa dele.

Quando chegou o almoço, vi que era todo de abóbora: salada de abóbora, doce de abóbora, sobremesa de abóbora. A única coisa que tinha de diferente era o café. Na hora que eu saí para ir embora, ele veio me dando uma tara de abóbora. Aí eu disse:

"Abóbora na minha casa eu dou para os porcos".

Então ele me respondeu:

"Na minha também!"

MI/05/01

Meu Compadre Me ~~me~~ Convidou
Para ~~almoço~~ na casa dele. ~~Quando~~
Quando chegou ~~almoço~~ era todo
de abóbora, sobremesa de abóbora,
salada de abóbora, doce de abóbora. A única
coisa que tinha diferente era o ~~café~~
o Café. Na hora que eu saí para
ir ~~em~~ hora, ele veio me dando uma
tara de abóbora. Aí eu disse: abóbora
na minha casa ~~abóbora~~ na ~~na~~ minha
casa eu dou para o porco. Aí ele
me ~~respondeu~~ respondeu: na minha casa
também!

Para mim, foi uma surpresa ver o quanto a forma como se apresenta uma obra deles influencia na produção posterior. Como se aquele texto sem nenhum valor, “todo errado” (como eles dizem) de repente ganhasse uma aparência e poderes novos. Devo dizer que uma aluna gostou tanto que começou, com facilidade, a escrever muitas coisas.

Como busquei mostrar, esta tem sido a nossa rotina. Não sei se vou rápido demais com eles, se afastei outros por isso mesmo, mas o que sinto hoje é um misto de satisfação e frustração. Satisfação de ver os que permaneceram mais próximos do meu mundo, ou o meu mundo do deles, ou nós num mundo outro, construído ao longo deste processo. Frustração por muitos que ficaram para trás, Dona VA, 68 anos, pessoa de uma simplicidade e educação primorosas, cujo único sonho que ainda queria realizar era o ler e escrever. Não consegui segurá-la. Extremamente rápida na matemática, posso dizer que era a melhor, nas letras não se adaptou ao método que utilizei. Seu SE., 60 anos, também não ficou. Ele me dizia, “mas a senhora não me ensina direito!” Ele queria atenção que eu não consegui dar. E assim , mais uma vez, houve exclusão. Os mais fracos (fracos?) ficaram de fora.

V

QUEM NÃO TEM CÃO, CAÇA COM GATO , MAS CAÇA!

*“Em Michel de Certeau
são sempre perceptíveis um elã otimista,
uma generosidade da inteligência
e uma confiança depositada no outro,
de sorte que nenhuma situação
lhe parece a priori fixa ou desesperadora.”
Luce Giard, A invenção do Cotidiano, p.18*

*“O dia-a-dia se acha semeado de maravilhas,
escuma tão brilhante (...)
como a dos escritores ou dos artistas.
Sem nome próprio, todas as espécies de linguagens
dão lugar a essas festas efêmeras que surgem,
desaparecem e tornam a surgir”
Michel de Certeau, A invenção do Cotidiano, p.19*

Mês de maio, anuncia-se o APAGÃO²¹. De maneira geral, por onde você passasse, só se falava nisso. Como busco sempre tratar de temas que reflitam a realidade concreta dos alunos, achei que poderíamos estar falando dessa problemática. Pesquisei o assunto, na intenção de esclarecê-los quanto às medidas que o governo iria adotar. Também achei oportuno tratar de conteúdos escolares que contemplassem o meio ambiente, a produção de energia, a economia do país, aspectos históricos da vida sem energia etc.. Levei uma nota de jornal com o resumo das medidas.

Contudo, ao apresentar e tratar do tema em sala de aula, percebi um silêncio, olhares se cruzaram revelando uma cumplicidade a qual eu desconhecia. Em um primeiro

²¹ Apagão é o termo popular que se refere ao conjunto de medidas que visavam o racionamento de energia elétrica, que se iniciou no mês de junho/2001 em várias regiões do país. A razão oficial para tais medidas foi o baixo índice pluviométrico dos últimos anos no Brasil, o que diminuiu o potencial da produção de energia das usinas hidrelétricas. Em dado momento, como saída, as autoridades públicas aventaram a possibilidade de um corte sistemático e generalizado no fornecimento de energia, daí a origem do termo.

momento tive a impressão de que eles não tinham consciência da gravidade do problema, culminando com minha pergunta a eles: "você não estão preocupados em como vão pagar a conta de luz"? Risos. Foi-me revelado o motivo por um aluno: ali, nenhum deles pagava a conta de luz, pois todas as ligações eram clandestinas, o que popularmente é conhecido por *gato*, e quase todos estavam com a situação legalizada perante a companhia fornecedora de luz.

Posteriormente, ao analisar esta situação, veio-me novamente à memória Michel de Certeau e o seu conceito de cultura comum e cotidiana. Explico: para Certeau, as pessoas se reapropriam dos bens culturais e de consumo, o que equivale dizer que o consumo não se dá passivamente, o homem comum em suas práticas cotidianas, transforma e recria os significados e os usos dos produtos.

Essa reapropriação e as maneiras de praticar

" (...) não aparecem muitas vezes senão a título de 'resistências' ou de inércias em relação ao desenvolvimento da produção 'sócio-cultural' ".²²

As práticas cotidianas do homem comum são vistas por Certeau como táticas. Tática para ele:

"só tem por lugar o do outro (...) ato e maneira de aproveitar a 'ocasião' (...) vitória do 'fraco' sobre o mais 'forte' (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem etc.)".²³

Neste sentido, as ligações de luz clandestinas, o *gato*, se afigura como uma tática, uma forma de sobrevivência, que não necessariamente se contrapõe de modo explícito ao poder instituído, mas que, ao contrário deste poder aproveita as brechas, as ocasiões para existir, para sobrepujar uma necessidade vivida, um espaço onde as amarras da dominação estão mais frouxas.

²² Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano*, pp. 17

²³ Idem, *ibidem*, pp. 46-47

O silêncio, o riso e a cumplicidade tácita dos meus alunos comprovam que eles não desconhecem a ilegalidade e a fugacidade do gato, ou seja, é um paliativo tático que a qualquer momento pode ser descoberto, mas, de qualquer forma...quem não tem cão caça com gato.

Nas palavras de Certeau:

"Se é verdade que por toda a parte se estende a rede da vigilância, mais urgente ainda é se descobrir como uma sociedade inteira não se reduz à ela: que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los".²⁴

As relações de força impõem, do ponto de vista tático, uma dissimulação no plano discursivo. Diante de uma realidade violenta, em que o mais forte domina o mais fraco, o homem comum dissimula a sua lucidez. As injustiças vividas são aceitas como fato, mas não legitimadas.

Em um contexto onde a mudança parece impossível, o indivíduo, segundo Certeau:

"(...)obrigado a obedecer os fatos, a esta convicção opunha, no entanto, uma radical recusa ao estatuto da ordem, que se impõe como natural e um protesto ético contra a sua fatalidade (...) mas para afirmar a não coincidência entre fatos e sentidos, era necessário um outro cenário, religioso, que reintroduzisse, ao modo de acontecimentos sobrenaturais, a contingência histórica dessa 'natureza', e com referenciais celestes um lugar para este protesto".²⁵

As observações do autor, remete a um texto redigido espontaneamente por um aluno, morador de um núcleo de favela do bairro de Santa Mônica, local já descrito

²⁴ Idem, ibidem, pp. 41

anteriormente como violento, onde o silêncio é uma lei, e a sua transgressão significa a morte.

"Conversa com Jesus

Jesus morreu por todos nós. No céu é paz, na terra é desespero.

Jesus, o seu mundo é totalmente ao contrário daqui. Na terra ninguém valoriza ninguém, ninguém respeita ninguém. Só quer saber de matar o nosso irmão.

Todos nós somos um ser humano. Mas aqui são poucos quem acreditam em Jesus, porque todos nós, o nosso povo aqui da terra vê tudo do que se passa , mas tem que fazer de conta que não viu nada, senão morre também.

Que injustiça!

Aí está Jesus, porque na Terra não pode ser como no céu. Todos do povo conhecem todos os próximos, conhecem seus irmãos, mas na Terra poucos se reconhecem como irmãos.

No céu é o maior carinho. Na terra é susto quando leva sorriso, mas quando leva um susto com a cara tampada, é o maior desrespeito: já se sente morto!"

MI. Agosto de 2001

Pelo texto, podemos observar que, diante de uma realidade injusta e ameaçadora, em que as possibilidades de mudanças aparecem como distantes de se realizar, MI. reconstrói através da religião um espaço em que é possível romper o seu silêncio. É na esfera religiosa que ele pode expressar sua voz, a sua indignação, e almejar uma justiça que não é vivida em seu cotidiano. Na verdade o silêncio de MI. dissimula o seu grito interior, mas não a sua consciência do que seja justiça.

²⁵ Idem, ibidem. pp. 77

A relação de MI. com a escrita demonstra que em seu diálogo interior a dominação não é aceita passivamente. É uma pessoa com uma trajetória de vida marcada pela violência, abandono, solidão, luta permanente de sobrevivência, que por milagre ainda se encontra vivo e com forças para construir uma outra realidade para sua vida. MI. escreve muito. Escreve o que pensa, cria histórias, poesias para sua amada, escreve cartas que nunca manda a sua mãe, que não vê há mais de 20 anos.

Ele é o único aluno que tem uma relação com o caderno que faz lembrar o diário íntimo. Nega-se a organizá-lo numa ordem sugerida por mim, não colando os textos xerocopiados. MI. tem uma pasta própria para isso, aliás, só me deixa ver o caderno quando eu ofereço uma boa razão, ou seja, uma razão que seja do seu interesse. Seu olhar é forte, olhos que buscam respostas, que perguntam à realidade o porquê das coisas serem assim, que não se entregam. É teimoso, mas não é revoltado. Não se deixa convencer facilmente, tem opinião. Desde os dez anos sozinho, apreende a realidade estabelecendo relações com conteúdos tirados de sua própria experiência. Pouco vê televisão, dizendo que só assiste ao programa "Mundo Animal" da TV Cultura. É sedento de livros, qualquer um que eu leve pede emprestado para ler. Sua grafia também é teimosa e demonstra extrema dificuldade em separar as palavras, escreve como fala, não aceitando alterações em seus textos. Por isso tem minha admiração. Pergunto-me, o que faz alguém, apesar de tanta opressão ser capaz de superar os obstáculos, sair com vida e esperança?

Isso me faz lembrar o personagem do filme "Central do Brasil", um menino, cuja esperança na certeza de um futuro bom, o faz superar todos os obstáculos.

VI TER OLHOS DE VER

*"Eu tenho idéias e razões,
Conheço a cor dos argumentos
E nunca chego aos corações."
Fernando Pessoa, 1932*

"Então o outro, causa em nós, sentimentos. E nós, para nós, pessoalmente, podemos aferir ou ter, em nós, um pouco a dimensão do que é que nós causamos em nosso próximo. Nós precisamos adentrar esta pedagogia da percepção, da percepção externa, da percepção alheia, da meta-percepção, a percepção além das coisas".²⁶

Certo dia o pessoal da Prefeitura do Partido dos Trabalhadores (PT), as coordenadoras da FUMEC (ex-professoras da EJA – Educação de Jovens e Adultos), entraram na minha sala para falar sobre o orçamento participativo. Usaram uma linguagem bem própria, muito intelectualizada, aparentemente não tendo a percepção de como os alunos estavam assimilando o seu discurso, ou seja, se estavam se fazendo entender. Eu interfei e tentei traduzir o que tinham dito. Senti (digo senti porque não posso afirmar nada mais que uma impressão pessoal) que não foi bem aceito por elas. Como se seus olhares me dissessem: "você pensa que eles não entendem nada! Nós os respeitamos e lhes damos voz". No entanto, de fato, aquele discurso que se pretendia inclusivo, não atingiu seus objetivos, porque não foi compreendido, e posso afirmar isso pois, tão logo saíram, eu perguntei aos alunos se tinha ficado claro o que as coordenadoras haviam dito. O silêncio foi a resposta, então, indaguei quais eram suas dúvidas, se sabiam o que era democracia, orçamento, participação social, cidadania, etc. .

Como dissessem que não sabiam, insisti para que falassem o que achavam daqueles conceitos, lembrando-os o que sempre digo, "vocês sabem alguma coisa sobre

²⁶ Eliana Santos, *Boa nova* 210, 16-17

isso, ainda que tenham medo de errar, são palavras que estão sempre sendo ditas na televisão, nas conversas de bar, na escola, etc.”.

As informações que eles tinham eram confusas, sabiam apenas que se tratava do governo. Um exemplo desse desencontro conceitual foi quando um dos alunos definiu social como um certo tipo de roupa, por exemplo, calça social e assim por diante. Na realidade, esses conceitos são em si mesmos abstratos, complexos e múltiplos, ou seja, “são produtos históricos”, como bem definiu Vygotsky.

Foi mais um discurso do qual eles ficariam buscando um sentido. Mais um vento frio descobrindo sua incapacidade, reforçando a sua baixa auto-estima, revelando a diferença,

*“e os ventos podem ser uma metáfora, um símbolo, uma imagem muito próxima do que é que nós podemos causar nos outros. Uma ventania forte, por exemplo, destrutiva, destruidora, uma ventania que bate as portas; uma ventania que desaba faz desabar um telhado, um furacão (...) É importante que nós possamos compreender a dimensão da nossa palavra, nosso pensamento, do que o nosso ser pode ocasionar no outro. **É importante porque nossa vida toda é relacionamento. Nosso ser é relacionamento, nossa humanidade – ela significa humanidade com humanidade; homem com homem; pessoa com pessoa**”.*²⁷

Os vários discursos sociais enfatizam um saber científico, letrado, o que passou a se chamar atualmente de politicamente correto. Esses discursos pressupõem uma linguagem única, com status de verdade absoluta, em suma, uma crença no saber científico. A esse respeito, para Certeau,

“(...) crença não é o objeto de crer (um dogma, um programa), mas o investimento das pessoas em uma proposição, ato de

*anunciá-la considerando-a verdadeira, em outros termos, uma modalidade da afirmação e não o seu conteúdo”.*²⁸

No caso das coordenadoras da FUMEC, seu discurso demonstra que falam de um lugar social, confundindo-o com os saberes que a experiência com o magistério lhes deu. Não percebendo o outro, paradoxalmente, reproduzem a prática que condenam, perdendo de vista o objetivo inicial de suas propostas. Retorno, com Certeau, sua visão sobre o “perito”:

*“É verdade que o perito prolifera nesta sociedade (...) ele eclipsa (de certo modo substitui) o filósofo, ontem o especialista do universal (...) cada vez mais cada especialista deve ser também um perito (...) que ‘converte’ competência em autoridade (...) não podendo ater-se ao que sabe o perito se pronuncia em nome do lugar que a sua especialidade lhe valeu (...) por se ter submetido com êxito à essa prática iniciática (...) pode proferir autoritativamente um discurso que já não é o do saber, mas o da ordem sócio-econômica. Fala então como homem ordinário, que pode ‘receber’ autoridade com o saber como se ganha um salário pelo trabalho (...) reconhecido como científico, seu discurso não passava da linguagem ordinária dos jogos táticos entre poderes econômicos e autoridades simbólicas”.*²⁹

Quando vamos acordar e “ter olhos de ver”, para que não mais saíamos como donos da verdade, como salvadores da pátria, ferindo, humilhando, afastando?

As relações que cada um elabora são próprias, e tudo que envolve o fazer humano depende destas relações. Quando dialogo com os alunos, por exemplo, parto de um certo referencial que não é o mesmo deles, pois o que pode ser óbvio para mim nem sempre é para eles e vice-versa. Assim, quando digo A, respondem B, e à medida que

²⁷ Idem, ibidem, pp. 17-18-19

²⁸ Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano*, pp. 278

²⁹ Idem, ibidem, pp. 66-67

dialogamos, vão se revelando as diferenças. Um jogo delicioso de surpresas e desconfortos também. Aí é preciso ter cuidado para não atropelar o que vem nascendo, que é novo, que ambos desconhecem. Sinto que é neste lugar que devemos, eles e eu, estar. Posso chamar de *“ponto de mutação”*, como na obra de Capra. Um ponto onde mudam-se as mentalidades, as visões, derramando em todo universo pessoal e social esta nova marca, onde somos totalmente contaminados por uma nova ordem. Isso pode acontecer nas relações educativas.

VII

A NOITE DA ALMA – A CASA ESCURA

*“Desde pequenos nós comemos lixo
Comercial e industrial
Mas agora chegou nossa vez
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês.*

*Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola.*

*Vamos fazer nosso dever de casa
E aí então, vocês vão ver
Suas crianças derrubando reis
Fazer comédia no cinema com as suas leis.”
Legião Urbana - Geração Coca-Cola*

Perguntei aos alunos a respeito de quais programas gostavam de assistir na TV. Para surpresa minha, não foi o Sílvio Santos, nem o Ratinho, nem as novelas mexicanas, programas supostamente dirigidos as camadas populares. Eles gostam de Filmes de ação, de luta, do tipo Bruce Lee, Rambo, e filmes de “sacanagem”. São os favoritos. Lembro-me de que anos atrás assisti Rambo com meu pai. O filme praticamente não tem palavras, nem história. Ficamos chocados, meu pai e eu, tentando entender o porquê de seu sucesso.

No caso de meus alunos, o que me surpreendeu foi de quem vieram essas preferências. MN. uma aluna aparentemente tímida, insegura, sofrida, frágil. No meu entender nada havia em comum entre ela e o Rambo. Então ela me disse que achava

ruim não passarem mais esses filmes hoje em dia, e que gostava, depois que assistia, de tentar imitá-los nas lutas com as filhas (ela citou os filmes de Bruce Lee).

Durante alguns dias me questionei sobre a resposta de MN.: “o que faz com que essas pessoas gostem tanto de filmes cuja temática é a violência pela violência, em que a ação é simplesmente o confronto de corpos, mutilações, sem propiciar uma reflexão da realidade que esses filmes aparentemente traduzem, perguntava-me, o que isto significa?

Partindo de um raciocínio baseado em Certeau, se as pessoas se reapropriam do saber imposto, que significa dizer que os “dominados” não são tão dominados assim, afinal “sempre é bom recordar que não se deve tomar os outros por idiotas”, quais as releituras que meus alunos fazem destes filmes? Ou será que, apesar das astúcias e táticas ainda assim a dominação consegue limitar a humanização do homem, no sentido vygotskyniano que o termo humanização pode assumir? Prefiro me unir a Certeau e acreditar também que:

*“falando de modo mais geral, uma maneira de utilizar sistemas impostos constitui a resistência, a lei histórica de fato e a suas legitimações dogmáticas. Uma prática da ordem construída por outros redistribui-lhe o espaço”.*³⁰

O nosso cérebro é algo plástico, é potência de possibilidades e não algo dado, precisa só ser estimulado, através da interação social, para se desenvolver. Esse desenvolvimento não é uniforme, ele é construído pela qualidade das relações sociais do meio em que o indivíduo vive. Segundo Vygotsky:

“ (...) todas as funções mentais superiores são relações sociais interiorizadas. Sua organização, sua estrutura genética e seus meios de ação – em uma palavra, sua natureza inteira – é social. Mesmo os processos mentais (internos, individuais) conservam

³⁰ Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano*. pp. 79

*uma natureza quase-social. Em sua própria esfera privada, os seres humanos conservam as funções da interação social”.*³¹

Neste sentido, ainda para o autor,

*“Se o meio ambiente não apresenta nenhuma dessas tarefas ao adolescente, não lhe faz novas exigências, não estimula o seu intelecto, proporcionando-lhe uma série de novos objetos, o seu raciocínio não conseguirá atingir os estágios mais elevados, ou só os alcançará com grande atraso”.*³²

Provavelmente o Rambo deve expressar a vontade que quase todos os dominados têm de rebater, reagir às humilhações vividas socialmente. Mas a coisa vai além disso : não lhes foi dada a chance de gostar de outra coisa, ou melhor, não lhes foi oferecido recursos para aprender conteúdos outros.

Em que temos, como humanidade, transformado os seres humanos? Que cultura, que sociedade é essa que constrói seres tão ligados à violência, tão pouco dialógicos? Isso me soa como um pensamento preconceituoso, mas, por mais que eu saiba que a cultura burguesa é apenas burguesa, não posso simplesmente dizer: ah! esta é apenas uma cultura diferente da sua. Porque esse *diferente* indica um desfavorecimento de grande parte da humanidade que está excluída dos bens materiais e principalmente culturais produzidos socialmente. Enfim, o abismo é grande, e para se tocar o outro, o marginalizado , não mais bastam palavras.

O desenraizamento que sofremos como nação subdesenvolvida, desigual e altamente excludente, um capitalismo sem medidas na sua selvageria, nos privou de uma base de sustentação. Como um furacão que destrói impiedosamente o outro, o marginalizado, o semialfabetizado e assim por diante. Alguns poucos se salvam, outros ficam expostos, sem referencial, devendo se salvar a cada minuto, aproveitando as oportunidades que não criam, mas que descobrem, as ocasiões. Brechas, valas. E o que

³¹Cf. Roseli A Cação Fontana, *Mediação pedagógica na sala de aula*, pp. 12

³²L.S.Vygotsky, *Pensamento e linguagem*, pp. 50 (grifos meus)

é belo é que resistem, que muitos ainda resistem. Por isso é difícil compreender o outro, aquele que não impera, que não domina. Seus caminhos são outros, sua lógica é outra. Não tem continuidade pois que é fortuíta, casual. Porém isso não quer dizer que não haja déficit, que não haja comprometimento. E como um rio vai traçando seu leito, buscando as valas que acabam por o desenhar, nós, humanos, também traçamos e somos traçados, formatando uma lógica própria que acaba por nos definir e o mundo que vemos. Talvez possamos chamar isso de *uma certa visão de mundo*. Tocar nessa visão, nessa mentalidade, é um trabalho árduo.

VIII

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Viver e não ter a vergonha de ser feliz,
Cantar e cantar e cantar,
a beleza de ser um eterno aprendiz,
Eu sei que a vida devia ser bem melhor e será,
Mas isso não impede que eu repita,
É bonita, é bonita, é bonita”
Gonzaguinha, 1982*

Antes estava a Matilde. Depois cheguei eu. Ela dava o B-A-BA . Os alunos a adoravam. Eu também gostei dela. Pessoa simples, passava uma sensação de proteção, meio mãe. Vim eu com os textos, com as “*verdades acadêmicas*”. A verdade é que não sabia mesmo o que fazer. Sem exagerar, estava com muito, muito medo de fracassar. “Texto é muito difícil , professora. A gente quer coisas fáceis. Estamos aqui para aprender a ler e escrever, não para ficar conversando. Não para ficar ouvindo histórias. Não queremos mudar nossa vida, não queremos pensar nestas coisas. Queremos aula, como era antes, quando a gente era criança. Não aprendemos por nossa própria incapacidade, somos burros! Tá errado, né? Também por preguiça, malandragem, precisava trabalhar, mudei de lugar, não tinha mais escola. Por favor, dê aula como nós queremos.” E essas vozes, olhares, atitudes, faziam-me pensar... abalavam minhas poucas certezas...

Não posso dizer que não eram gostosos esses dias iniciais. Eram bons. Ríamos muito, cada um falava de sua vida. Mas mesmo assim eu não sabia se estava cumprindo meu papel. Tinha (ainda tenho, com menos frequência) crises de consciência: “Meu Deus ! Estou enganando todo mundo, queria ser como a Matilde.”

Havia um aluno com deficiência auditiva, garoto de 15 anos, com uma família aparentemente estruturada, que não gostou. Certo dia sua mãe veio falar comigo: “o que estava acontecendo que o ED. não queria vir mais à escola? Depois de tanto tempo em escolas especiais, pela primeira vez, com a Matilde , ele estava aprendendo. Chegava feliz

em casa mostrando as sílabas. Matilde me disse: "Você precisa ter muita paciência". Mas eu não tinha. Não sabia ensinar pelo B-A-BA. Mas também me perdia com os textos.

Fui descobrindo que era necessário respeitar o imaginário de escola dos alunos e partir dele. Teria que experimentar o B-A-BA. Mas como? Comecei a questionar as teorias que aprendi aqui, na UNICAMP. Texto como ponto de partida e de chegada. Porque se aprender a ler é ler o contexto, apreender a realidade, interpretar, também não deixa de passar pela decifração de um código, o alfabético. E porque não podemos separar estes dois processos, por uma questão prática? Percebia que era muito angustiante e sofrido decifrar as duas coisas ao mesmo tempo: sentido e código. Mas o ano já estava acabando, novos projetos para o que vinha. E veio e quase já passou. E muita coisa aconteceu...

Passamos pelo modelo silábico de alfabetização, insisti com os textos, dividimos a classe em duas turmas, usei textos bíblicos (já que a maioria gosta e os leva muito à sério), orei, enfim, posso afirmar que tentei (ou tentamos) nos acertar e parece que encontramos pontos de acordo, de mútuo entendimento. Porém, seria mentirosa se não mencionasse que nesse trajeto houve evasão. Diria que minha rede pescou alguns peixes, bem pescados, mas muitos não se deixaram prender. Motivos? Inúmeros: doença na família, mudança de endereço, "não consigo aprender assim", "a senhora não ensina a gente, só os que já sabem"...Quem sabe? O que é certo é que meu chamado não foi acatado por todos. No entanto creio ter feito o melhor que pude. O grupo que permaneceu, o fez porque superou o sentimento de incapacidade e acreditou em si mesmo. Resignificou a idéia de escola que trazia e, conseqüentemente, muita coisa...

Gostaria de relatar um episódio recente, através do qual pude constatar que vale a pena investir, que vale a pena acreditar no potencial dos meus alunos, enfim, como já dizia Fernando Pessoa " tudo vale a pena quando a alma não é pequena".

Estávamos trabalhando com o mapa do bairro e um texto, retirado da lista telefônica de Campinas, que contava a história da fundação da cidade. Como sempre pedi que cada um tentasse ler, sempre lembrando de que ler é compreender, interpretar a mensagem. Ao final da leitura, M. comentou: "eu já li, mas não entendi nada", seguido por outros que disseram a mesma coisa. Insisti, dizendo que não era verdade, que com certeza eles poderiam me dizer alguma coisa com referência ao texto. Alguém falou: "é sobre Campinas, sobre a história de Campinas". Respondi que sim, e os estimulei a

refletir sobre o seguinte: "Campinas não existiu sempre. O bairro que a gente mora sempre foi assim? O prédio dessa nossa igreja sempre esteve aqui?" . Pretendia trabalhar com a noção de espaço natural e espaço transformado pelo homem, e disse: "há quinhentos anos atrás, como será que era esse espaço, como era o Brasil, não tinha ninguém aqui ou tinha?" Tentava verificar se eles se lembrariam do conteúdo que foi trabalhado na ocasião do feriado do descobrimento do Brasil. Alguns responderam: "não tinha nada, só os índios". Eu disse então: "mas se tinha só os índios o que aconteceu que para esse lugar ter se transformado em uma cidade?" FR. respondeu "as pessoas foram vindo para cá". Perguntei: "mas, então de onde vinham essas pessoas, fazer o quê ? FR. continuou respondendo "vinham do nordeste, para trabalhar". Risos. E eu disse: "mas trabalhar em quê, se só tinha índios?". Nesse momento, parece que FR. e os colegas perceberam a inconsistência do seu raciocínio. Foi aí que EL., demonstrando ter resolvido a questão disse: "de Portugal, né?"

Essa simples resposta tem um significado muito grande para mim, porque pude verificar que alguns conteúdos que eu julgava não tivessem sido relevantes, que falei na intenção de lhes dar uma noção histórica, para que pudessem compreender sua própria história dentro da história do Brasil, rompendo com uma visão fatalista, predestinada da realidade em que vivem, tiveram eco. Alguns começam a trabalhar com conceitos, alterando sua forma de pensar, reconstruindo dentro de si a própria história, mas já de um modo formal.

Ainda no trabalho com o tema Campinas, ao pedir que escrevessem algo que tivesse ficado na cabeça de cada um sobre o texto Histórico de campinas, pude confirmar com muita alegria que a escrita está sendo usada para expressar seus próprios pensamentos, ou seja, os alunos demonstraram não estar mais tão presos a idéia de escrita como reprodução , assimilando-a como um meio de expressão próprio, único, enfim, como re-criação. Considero este o maior objetivo que alcançamos juntos, como podemos observar nestes pequenos textos que se seguem:

"Eu gostei de Campinas.

Será campinhos?

Ou porque será campinas pela floresta?

No meio da floresta era campo.

E começou a nossa cidade de Campinas"

MI/out/01

Eu gostei de campinas, será campinhos!
A por que será campinas por a floresta,
no meio da floresta era campo,
começar a nossa cidade de
campinas

"Eu gostei de ter vindo para Campinas,

porque Campinas tem coisas que eu nunca tinha visto na minha vida,

que nem o bosque, que eu nunca tinha visto!"

HA/out/01

Campinas 31 de outubro de 2001

Eu gostei de ter vindo para Campinas

Por que Campinas tem coisas que eu nunca

tinha visto na minha vida, que nem o

Bosque que eu nunca tinha visto!

"Se eu tivesse morrido ontem,
não teria sabido que Campinas era uma floresta há 300 anos atrás.
Campinas é uma cidade bonita e maravilhosa."

JU/out/01

Se eu tivesse morrido ontem não
teria sabido que Campinas era
uma floresta há 300 anos atrás.
Campinas é uma cidade bonita e
maravilhosa.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC. 1977.
- BÍBLIA DE ESTUDOS DE GENEVRA. In: *Evangelho segundo Lucas*. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil. 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes. 1994.
- FONTANA, Roseli A Cação. *Mediação pedagógica na sala de aula*. São Paulo: Autores Associados. 1996
- FURGERI, Denise K. P.. *Do enorme ao pequeno, do dizer à escuta, do prescrever à leitura*. Trabalho de qualificação da Dissertação de Mestrado. Faculdade de educação – UNICAMP, 2001
- LOPES, Ana Cláudia F.. *Nossas Mágicas Memórias*. Livro produzido com textos de uma Segunda série do Ensino Fundamental na E.E. E.F. Professora Dora Kanso, 2000
- SACRISTÁN, J. Gimeno. *A educação obrigatória: seu sentido educativo e social*. Porto Alegre: Artmed Editora. 2001.
- SANTOS, Eliana dos. *Boa nova nº 121*. Campinas: Casa do Pão Editora. 2000.
- _____. *Boa nova nº 210*. Campinas: Casa do Pão Editora. 2001
- _____. *Boa Nova nº 215*. Campinas: Casa do Pão Editora. 2001
- SOARES, Magda Becker. *Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas*. Apresentação XVII Reunião Anual da ANPEd. Caxambú. 1995.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes. 1984.
- _____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. 1993